

NICK RANDS

Nick Rands (Chester, Inglaterra, 1955)

Estudou Artes Plásticas na Reading University e Arte Educação na Bristol University.

Ensinou arte na Inglaterra e em Botswana, e trabalhou com Educação em Galerias na Inglaterra. Participou como artista no Intercâmbio Southern Arts - Brasil em 1992, e mudou-se para o Brasil em 1998. Reside e trabalha em Porto Alegre.

Exposições individuais

...and still counting..., Bermondsey Street Studio, London, England, and Galeria Gestual, Porto Alegre, Brazil (2005); *Painting by Numbers*, Galeria Gestual, Porto Alegre, Brazil (2004); *Where the sea meets the sky*, Fotogaleria, Porto Alegre, Brazil (2003); *Mudworks*, Espaço Cultural Sergio Porto, Rio de Janeiro, Brazil, and *Fundação Cultural de Criciúma*, Criciúma, SC, Brazil; *Earthly Spheres*, The Winchester Gallery, Winchester, England, and touring; *Pinturas*, Galeria Sotero Cosme, Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre, RS, Brazil and *Fundação Cultural de Curitiba*, PR, Brazil (2001); *EyeLevels*, Galeria Iberê Camargo, Usina do Gasômetro, Porto Alegre, Brazil; *Esferas Terrestres*, Torreão, Porto Alegre, Brazil (1999); *Grizedale Forest Painting Residency*, Gallery in The Forest, Grizedale, Cumbria, England, (1996); *Line by Line*, the Southern Arts Touring Exhibition Service, England (1994-6).

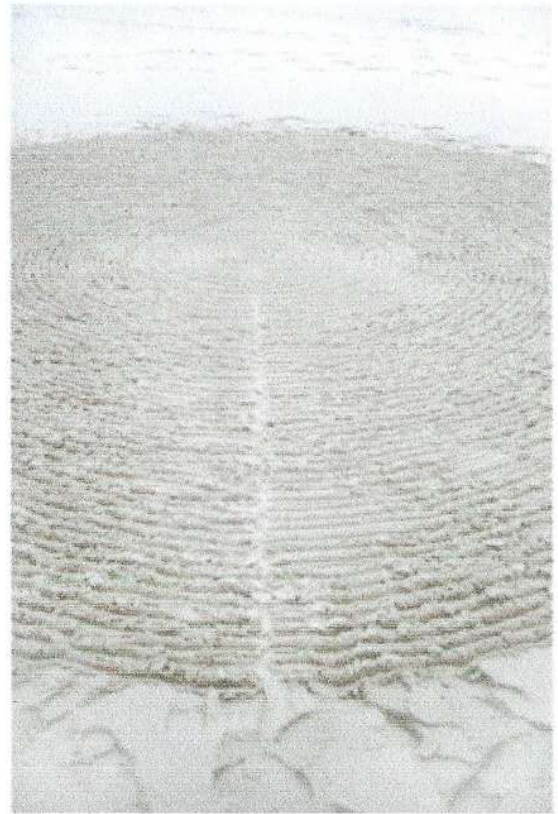
Exposições coletivas

Heterodoxia, MASC Florianópolis, SC, Brazil (2004); *1+1+1*, Museu da Gravura, Bagé, RS, Brazil and Galeria Gestual, Porto Alegre, RS, Brazil (2003); *III Salão Nacional de Arte de Goiás*, Goiânia, GO, Brazil; *24º Salão de Arte de Riberão Preto*, Riberão Preto, SP, Brazil (2003); *III Salão de Porto Alegre*, Porto Alegre, RS, Brazil; *II Salão Nacional de Arte de Goiás*, Goiânia, GO, Brazil; *II Salão de Arte UNI-BH*, Belo Horizonte, MG, Brazil (2002); *II Salão de Porto Alegre*, Usina do Gasômetro, Porto Alegre, Brazil (2000); *Chart*, Angel Row Gallery, Nottingham, England; *Coletiva*, Obra Aberta, Galeria Chaves, Porto Alegre, Brazil (1999); *The Space of the Page*, Henry Moore Institute, Leeds, England; *Repetition the Southern Arts Touring Exhibition Service*, England, Italy and Belgium (1996-7).

www.nickrands.com



Capoiera 2
Mud and waste oil on paper, 83 x 93 cm
1993



Gower Circle
Sand, Ø 300 cm
1997



Reading About Looking at Pictures in a Book 2
(after David Hockney)
Photography
2003



9 Down
Mud and crude oil
on paper, 180 x 42 cm
1993

TEXTOS SOBRE A OBRA DO ARTISTA

I

Parece sempre difícil saber onde uma pintura começa e quando ela está realmente concluída. Alguns artistas falam que quando se ouve um "clic" é hora de parar. Para Nick Rands a lógica é outra, justamente talvez por duvidar desse "clic" por tudo o que ele tem de subjetivo e indizível. Uma pintura é um trabalho como qualquer outro e esta se concluirá quando um objetivo claro chegar ao fim. Todo o trabalho é belo quando é apenas uma tarefa executada sem uma outra ambição a não ser cumpri-la com dedicação e persistência. O trabalho artístico é algo para ser compartilhado, sem mistificações, colocando-se em igualdade com qualquer outra atividade humana. É quando ele se despe de toda a arrogância e se iguala a qualquer outra atividade que ele adquire a sua dignidade – uma estética extraída de uma ética. É belo porque é trabalho.

II

A pintura é um território que deve ser ocupado, percorrido e vivido. Para tanto é necessário traçar uma estratégia e executá-la a risca. Nick fala que não pode ser interrompido durante o processo. São percursos mentais que necessitam de um certo grau de concentração para se efetivarem no plano da pintura. Isto faz com que cada trabalho seja uma fatia de espaço e tempo. É um jogo particular do artista, mas que se oferece ao observador exigindo apenas como regra para participar que este possua um olhar desacelerado, uma contemplação ativa. Precisa que este ultrapasse as seduções decorativas da imagem para que chegue na imaginação e reconstrua mentalmente as coreografias executadas.

Os pigmentos que o artista utiliza são terras extraídas de diversos lugares de diferentes viagens. Ao colocá-los na pintura, dedo a dedo – passo a passo, faz desta uma reterritorialização. O caminho dos seus gestos reconstitui uma paisagem que não é imagem, mas matéria. É a compreensão de que um lugar, com sua complexidade perceptiva, só pode ser evocado e nunca representado.

III

Os dedos sujos de barro de Nick Rands apontam com persistência para a pintura como se dissessem - olhem aqui, eu estive aqui, eu passo por aqui, eu sou só isso. Afirma a materialidade do mundo, sua inserção dentro dele e seus limites. Ao mesmo tempo, os pontos sobre o plano bidimensional da pintura assumem uma dimensão estelar como se a cada trabalho ele fundasse uma galáxia. Cada obra (cada galáxia) soma-se a outra, emenda-se na outra - um universo em expansão. Todas as obras parecem fazer parte de um único projeto, uma única pintura infinita onde o *de novo* acumula-se constantemente criando o *novo*. Onde cada quadro é um recorte autônomo, com leis próprias, mas também um corpo conectado a uma rede muito maior de contornos imprecisos.

© Jailton Moreira / julho de 2005.

Nas pontas dos dedos, ao alcance dos olhos

"ver nos impressiona desde sua própria e inacessível memória do contato"

Georges Didi-Huberman

... e somos tocados. São quase 3.000 digitais sobre a parede, talvez 30km de caminhada. O artista pontua dentro de uma sala o nível de seus olhos. Uma linha é traçada para cada digital pressionada. Repetições que transferem para este lugar, o horizonte. Como não pensar nas paisagens holandesas, com seus três quartos de céu e um fio terra que divide a tela em dois planos desiguais?

Enquanto Nick Rands desdobra a sua paisagem mental, riscando e imprimindo, é possível vê-lo mergulhar em números. São cálculos em que o olhar demarca, gera os próprios limites de espaço e tempo. Cada nova contagem, um novo significado para seus números – datas, idades, distâncias. Eye Levels revela-nos ainda a presença manifesta de um gesto, de um instante marcado a dedos, segundos que se distendem graficamente. Um acúmulo de movimentos sobrepostos que evidenciam a passagem de um corpo e nos impelem a reproduzir seu percurso, caminhar seus passos.

Corpo em trânsito, oscilando entre o tátil e o óptico. É uma intervenção que envolve e, ao mesmo tempo, é envolvida. Aquilo que circunda e é circundado.

Glaucis de Moraes

Mariana Silva

março de 2000

Texto sobre a instalação EyeLevels, Galeria Iberê Camargo, Porto Alegre, 2000

Nick Rands

Esferas terrestres

19/06 a 18/07/1999

"Eu gosto de caminhar"

"é o pé, é o chão, é a marcha estradeira (...)
é a luz da manhã, é o tijolo chegando (...)
é o projeto da casa, é o corpo na cama,
(...) é a lama, é a lama.

Águas de março. Tom Jobim.

Cantado por Tom e Elis.

Quantas flores, chão batido, mato seco, calçada de arenito, ele deve Ter visto? Quando penso nas bolinhas, imagino paisagens, aquelas que ele percorreu. Penso em passeios.

Passeios por lugares que são reunidos em outro. É como se cada esfera fosse um mundinho.

Um pequeno mundo impresso com a palma da mão. Que história cada torrão traz, quando Nick agarra o barro e abraça o mundo com seu toque? História de uma escolha, de um gesto que encerra o pedaço de um território.

Um território ... e o Torreão está cercado. Acho que o Nick Rands não invade territórios, mas os percorre. Nesse percurso ele vai recolhendo e remodelando essas paisagens.

Talvez esta intervenção seja a reelaboração de lugares através da repetição de suas partes.

Da repetição do mesmo gesto, no entanto, não surge a reprodução. Cada lugar é único, assim como a terra que dele provém. Nenhuma daquelas esferas é igual à outra. É como se repetindo o parecido, trouxesse o diferente.

No dia em que subi as escadas, esperava passar. Passar como? Na torre não existe espaço para outro corpo. Queria entender o toque, tocando. Mas entre o meu toque e o dele há um limite, uma fronteira, algo a ser preservado. São terras apresentadas como lembranças de uma passagem. Isto me faz pensar: Da mesma forma que quem olha se mistura com o que vê, quem caminha assimila onde pisa.

Essas caminhadas são particulares. Cada um tem as próprias "lembranças de passagem"¹. A gente pode caminhar pelos mesmos lugares e não ver as mesmas coisas.

Quem sabe, arte seja feita dos esbarrões na vida, com a pedra ou argila, andando em busca daquilo que encontrar? É como na música: "a vida é arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida"².

1 Declaração de Nick Rands durante sua conversa no Torreão

2 Samba da Benção. Letra de Vinícius de Moraes

Mariana Silva da Silva

Graduanda do Instituto de Artes da UFRGS.

Trabalha no Torreão sob orientação de Jailton Moreira.

Glaucis de Moraes

Bacharel em artes plásticas pelo I.A./UFRGS. Trabalha no Torreão sob orientação de Jailton Moreira e Elida Tessler.

